



EDIÇÃO  
ESPECIAL 200 ANOS  
DE BAGÉ

## Retratos falados

Há muitas maneiras de recordar o passado. As histórias e os retratos são os principais. Unimos os dois. Pois nós, bageenses com mais de 65 anos, somos guardiães da memória desta cidade. Ela está arquivada no nosso cérebro. São cenas e informações nunca registradas que continuam vivas dentro de nós. Nos 200 anos do município, nosso presente é a recordação viva. Colecione estes retratos falados e redescubra Bagé.

# Padrinho de Bagé

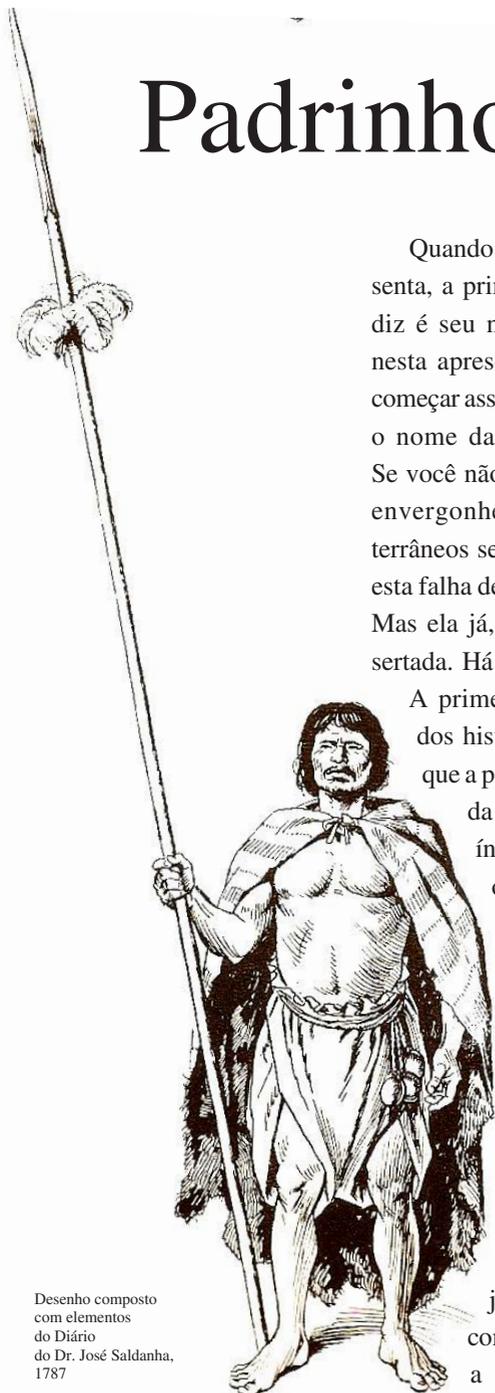
Quando alguém se apresenta, a primeira coisa que diz é seu nome. Por isso, nesta apresentação, vamos começar assim: de onde vem o nome da nossa cidade? Se você não souber, não se envergonhe. Muitos conterrâneos seus também têm esta falha de conhecimento. Mas ela já, já vai ser consertada. Há duas hipóteses.

A primeira – preferida dos historiadores – diz que a palavra se origina da forma como os índios chamavam os cerros da região: “Mbaiê” ou “bag”.

Achou sem graça? Há outra bem mais bonita. Conforme a lenda, quem “batizou” o município foi o Cacique Ibajé (assim mesmo com “j”). Coloque a imaginação a

funcionar e recrie a sua imagem como se a visse em um retrato antigo. Um guerreiro charrua moreno e forte enfeitado de plumas, pintado para a guerra e armado até os dentes com arco, flecha, lança, tacape, boleadeiras. Ao fundo, o pampa, as coxilhas e o cerro de Bagé. Na sequência, pense no entrevero com os invasores brancos e suas armas de fogo.

Ibajé, como a grande maioria dos índios, não era mau nem sanguinário. Seu povo sequer tinha o hábito de guerrear. Ele era um homem bom e pacífico que foi à luta apenas para defender a terra, a tribo e a família. Morreu peleando, sendo enterrado no cerro de Bagé. Morreu defendendo a liberdade e a justiça. Entre tantos municípios com nomes engraçados ou que homenageiam falsos heróis, nossa terra tem um padrinho que merece orgulho.



Desenho composto com elementos do Diário do Dr. José Saldanha, 1787

# Veludo grená



Bagé já teve muitos, muitos cinemas. Conte nos dedos: Avenida, Glória, Capitólio, Apolo, Sete e Coliseu. Os mais chiques eram o Avenida e o Capitólio, com suas cortinas de veludo cor grená e as poltronas estofadas do mesmo tecido. Os matinês de domingo eram sessões especiais para a criançada e começavam às 13h30min. Assim que a luz apagava todos batiam os pés no chão como quem bate palmas.

Às 16 horas tinha a Sessão Vermut para os jovens. Os atores brasileiros Mazzaropi, Oscarito, Grande Otelo e Dercy Gonçalves se revezavam na tela, rivalizando com os grandes astros de Hollywood, incluindo os dos seriados como Tarzan, Jim das Selvas e Nyoca, apresentados aos capítulos (como novelas) antes dos filmes.

As comédias, os faroestes, os dramalhões chorosos e os musicais eram os prediletos da plateia. Além dos cinemas, existiam também as apresentações de filmes nas ruas. Um projetor era instalado na calçada e uma parede branca – ou um lençol – servia de tela. As pessoas levavam cadeiras de palha para sentar durante a exibição, sempre feita em noites de bom tempo.

# Castelos Medievais

Os matadouros de gado – chamados Charqueadas – eram como cidades. Em uma época em que as maiores fortunas da cidade tinham origem na pecuária, o preço do charque regulava tudo, como o dólar. Por isso não é de estranhar que as Charqueadas fossem muito além de sua atividade principal, abrigando comunidades inteiras, comércio e até diversas fábricas (sabão, bolacha, café e velas, por exemplo). Isso sem falar nas escolas, nos cinemas, nos teatros e até orquestras. Pareciam aqueles castelos medievais.



Charqueada  
Vila Santa Thereza  
em Bagé



O Centro Administrativo era uma estação de trem. E o trem era praticamente a única forma de viajar, naquele tempo de estradas esburacadas de terra e automóveis que andavam a 30km por hora. Avião nem pensar. Assim, todas as novidades vinham de trem e a chegada de uma Maria Fumaça atraía meio mundo.

Passear na estação era uma das diversões prediletas da população. Quando o trem aparecia lá na curva dos trilhos, fumegando e sacolejando, era uma festa. Às vezes até bandinha vinha esperar pela locomotiva.

Viajar nela era melhor ainda. A família se preparava uma semana antes. As mulheres torciam o pescoço de uma galinha do pátio, depenavam o bicho em bacias de água quente e assavam para comer com farofa no trem. Ou então preparavam uma linguiça bem gorda. Além disso, fritavam pastéis e faziam bolos de milho ou bolinhos fritos passados no açúcar.

Dentro da locomotiva tinha carro-restaurante, mas quase só os passageiros de primeira classe podiam pagar. Estes acomodavam-se em poltronas estofadas,

enquanto os da segunda iam em bancos duros de madeira. Mas a segunda classe era muito mais divertida, com gaiteiro, crianças correndo pelos corredores, comadres trocando receitas e simpatias e homens contando causos.

Fossem da primeira ou da segunda classe, porém, ninguém se livrava da fuligem do carvão – combustível que fazia a máquina se movimentar. Ao final da viagem estavam todos de caras pretas. E, se queriam poupar as roupas, era preciso viajar de tapa-pó.

# Shoppings de antigamente

Bagé já teve – e perdeu – um Mercado Público. Era um prédio alto, com uma cúpula e portas para os quatro lados. Ficava onde hoje é o Hotel Charrua só que ocupava toda a quadra. Lá dentro era uma briga de cheiros: cebola, peixe, frutas. Eram cheiros fortes, mas não fedores. Tudo era do bom e do melhor e a maioria importado. Vinha bacalhau da Noruega legí-

timo e frutas secas da Turquia. Até tâmaras a gente encontrava. Queijo de todo o tipo, uma beleza.

Menores, mas também muito bem abastecidos eram os armazéns. Havia de tudo neles. Nos grandes balcões de madeira tinha balança com pesos de ferro para equilibrar os pratos, fumo de rolo, queijo, vidros de balas coloridas e a caderneta para anotar a dívida de cada um,

cobrada no fim do mês pelo botequeiro com um lápis enfiado atrás da orelha. No chão, tulhas enorme acondicionavam erva, feijão e arroz. E no teto pendiam ferramentas, panelas, utensílios, salame. Lá também se comprava tecidos, botões, material de costura, cobertores, acolchoados de chita, alpargatas e tamanhos. Eram os shoppings de antigamente.



# Velas na janela

Velas não são novidade em procissões católicas. Mas a Procissão de Nossa Senhora Auxiliadora de Bagé tinha uma característica particular: as velas eram colocadas nas janelas decoradas com toalhas e colchas bordadas. E mais: ganhavam um invólucro de papel colorido, como se fossem lanternas. Os moradores das casas concorriam para ver qual era a mais bonita. O cortejo era marcado para o último dia do mês de maio e seguia pela Avenida Sete de Setembro, saindo da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora em direção à Catedral de São Sebastião. As crianças participavam, muitas delas com asas nas costas. Isso porque Nossa Senhora tinha uma corte de anjos. O convite para integrar este grupo seleto era motivo de grande orgulho tanto para os pais quanto para os pequenos.

Muitas pessoas pagavam promessas, levando flores, velas e donativos. O casal de festeiros ficava encarregado da divulgação do evento.

As Filhas de Maria (moças solteiras devotas da Virgem) usavam roupas azuis e brancas. Para ser aceita no grupo elas precisavam ser virtuosas e sérias. As muito risonhas eram rejeitadas. Entre as atribuições das Filhas de Maria estavam a frequência assídua nas missas e reuniões do grupo, a obrigação de levar flores e limpar a igreja após as novenas e a Procissão. Atrás delas na procissão ia sempre a Cruzada Eucarística, também formada de

jovens de branco, com uma cruz amarela ao peito.

A novena de Nossa Senhora Auxiliadora precedia a procissão e culminava com coroação da santa. O altar iluminado tinha uma escada pelos dois lados guardada pela legião de anjinhos de carne e osso. A Igreja ficava repleta e era escolhida uma moça da sociedade para coroar a Virgem. Nesse momento, paravam os cânticos e soavam os clarins. Muita gente chorava de emoção.





## Casa de bonecas

Uma tela com grades cercava toda a Praça Esporte. Os dois portões eram abertos às 8 horas, com aquelas chaves grandes, antigas e pesadas, sendo fechados apenas à noite. Além dos balanços, do escorregador e das gangorras, existiam alguns brinquedos diferentes, como pneus suspensos por correntes e até uma roda gigante. Tinha, ainda, uma casinha de vidro

cheia de bonecas. Todos os bancos eram de cimento, mas, mesmo assim, muito confortáveis. A praça vivia cheia, especialmente aos domingos depois da missa.

---

## Noite vira dia

Antes mesmo da capital brasileira da época, o Rio de Janeiro, adotar a iluminação elétrica, Bagé teve suas ruas e casas iluminadas

pela maravilha moderna. A cidade virou atração turística, no dia 4 de junho de 1899, quando caravanas de excursionistas vindos de

trem – especialmente de Pelotas e Rio Grande – desembarcaram para assistir ao espetáculo. Foi programada uma festança com corrida de bicicleta, batalha de flores e concertos musicais. E, claro, discursos e mais discursos. A cerimônia de inauguração da usina elétrica ocorreu às 18 horas, quando o prefeito da cidade, José Octávio Gonçalves, “fechou o circuito geral”, trazendo a luz do dia para a noite invernal que começava.



Empresa de Luz  
Elétrica Emilio Guilayn  
& Cia, Bagé

EDIÇÃO  
ESPECIAL 200 ANOS  
DE BAGÉ



## 15 ANOS

Temos 15 anos. Não importa quanto tempo já vivemos: 60, 70, 80, 90. No dia 18 de julho todas fazemos 15 anos. Porque é nesta data que o Grupo Renascer cumpre seus 15 anos de vida. E todas nós renascemos quando o grupo nasceu.

Você está convidado a participar da homenagem ao Renascer na Câmara dos Vereadores, em 18/07, às 16 horas.

Compareça, conheça e reviva.

**ALMANAQUE é uma publicação do Grupo Renascer de Terceira Idade, com orientação da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice)**

Colaboraram com esta edição: todas as integrantes do Grupo Renascer de Terceira Idade

Coordenação: Lia Duarte Alves (Renascer) e Rosina Duarte (Alice)

Monitora: Lia Duarte Alves Paz

Jornalista responsável: Rosina Duarte (Mtb 4649),

Edição de arte: Rosana Pozzobon,

Revisão: Marivone Sirtoli

Contatos: Rua José Otávio 143, Bagé, fone 53 3324 1214 ou Rosina Duarte, fone 51 3259 1990, Porto Alegre



**O Almanaque tem o apoio da Fundação Luterana De Diaconia (FLD) e de Cláudia Souza**

**Prêmio Culturas Populares 2007 – Edição Mestre Duda**  
**Prêmio Inclusão Cultural Pessoas Idosas 2010 – Edição Inezita Barroso**  
Ambos do Ministério da Cultura